

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo  
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/0102-469849377>

# ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Paulo Roberto Dalla Valle, Jacques de Lima Ferreira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7697>

Submetido em: 2023-12-13

Postado em: 2024-01-02 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

PAULO ROBERTO DALLA VALLE<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4075-7150>  
[pauloroberto.dallavalle@gmail.com](mailto:pauloroberto.dallavalle@gmail.com)

JACQUES DE LIMA FERREIRA<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7239-2635>  
[drjacqueslima@gmail.com](mailto:drjacqueslima@gmail.com)

<sup>1</sup> Universidade do Oeste de Santa Catarina. Joaçaba, Santa Catarina (SC), Brasil.

<sup>2</sup> Universidade do Oeste de Santa Catarina. Joaçaba, Santa Catarina (SC), Brasil.

**RESUMO:** A análise de conteúdo corresponde a um conjunto de técnicas por meio das quais se pode analisar um grupo de dados. É bastante utilizada em pesquisas qualitativas, especialmente nas investigações da área da educação, por tratar-se de uma forma muito eficaz de se compreender os conteúdos nem sempre manifestos de um discurso (seja um texto, um gesto, ou a enunciação de uma frase, isso é, qualquer forma de comunicação). Assim, o objetivo deste artigo é descrever o método e as técnicas da análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2016) e suas contribuições e limitações para a abordagem qualitativa em educação. A investigação deste artigo apresenta a perspectiva qualitativa, do tipo bibliográfica, de natureza interpretativa, realizada em artigos e livros que tratam da temática. A análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, oferece várias contribuições importantes para a pesquisa qualitativa em educação, incluindo uma análise sistemática e rigorosa dos dados, uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados, uma abordagem flexível e adaptável, a possibilidade de identificação de lacunas na literatura e a triangulação dos dados. As principais limitações da análise de conteúdo para a pesquisa qualitativa em educação incluem o risco de reducionismo, a subjetividade na construção das categorias, a dificuldade em lidar com dados não-textuais e as limitações na generalização dos resultados. É importante que o pesquisador esteja ciente dessas limitações ao utilizar a análise de conteúdo em suas pesquisas.

**Palavras-chave:** análise de conteúdo, pesquisa qualitativa, pesquisas educacionais.

### CONTENT ANALYSIS IN THE PERSPECTIVE OF BARDIN: CONTRIBUTIONS AND LIMITATIONS FOR QUALITATIVE RESEARCH IN EDUCATION

**ABSTRACT:** Content analysis corresponds to a set of techniques through which a group of data can be analyzed. It is widely used in qualitative research, especially in investigations in the field of education, as it is a very effective way of understanding the content, not always manifest in a discourse (whether it be a text, a gesture, or the utterance of a phrase, that is, any form of communication). Thus, the objective of this article is to describe the method and techniques of content analysis from the perspective of Bardin (2016) and its contributions and limitations to qualitative approaches in education. This research presents a qualitative perspective, of the bibliographical type, of an interpretative nature, carried out in articles and

books that deal with the subject. Content analysis, from Bardin's perspective, offers several important contributions to qualitative research in education, including a systematic and rigorous analysis of data, a deeper understanding of the phenomena studied, a flexible and adaptable approach, the possibility of identifying gaps in the literature, and data triangulation. The main limitations of content analysis for qualitative research in education include the risk of reductionism, subjectivity in the construction of categories, difficulty in dealing with non-textual data, and limitations in generalizing results. It is important for the researcher to be aware of these limitations when using content analysis in their research.

**Keywords:** content analysis, qualitative research, educational research.

## **ANÁLISIS DE CONTENIDO EN LA PERSPECTIVA DE BARDIN: CONTRIBUCIONES Y LIMITACIONES PARA LA INVESTIGACIÓN CUALITATIVA EN EDUCACIÓN**

**RESUMEN:** El análisis de contenido corresponde a un conjunto de técnicas a través de las cuales se puede analizar un grupo de datos. Es ampliamente utilizado en investigación cualitativa, especialmente en investigaciones en el campo de la educación, ya que es una forma muy efectiva de comprender el contenido, no siempre manifiesto en un discurso (ya sea un texto, un gesto, o la expresión de una frase, es decir, cualquier forma de comunicación). Por lo tanto, el objetivo de este artículo es describir el método y las técnicas del análisis de contenido desde la perspectiva de Bardin (2016) y sus contribuciones y limitaciones a los enfoques cualitativos en educación. Esta investigación presenta una perspectiva cualitativa, del tipo bibliográfico, de naturaleza interpretativa, llevada a cabo en artículos, libros que tratan el tema. El análisis de contenido, desde la perspectiva de Bardin, ofrece varias contribuciones importantes a la investigación cualitativa en educación, incluyendo un análisis sistemático y riguroso de los datos, una comprensión más profunda de los fenómenos estudiados, un enfoque flexible y adaptable, la posibilidad de identificar lagunas en la literatura y la triangulación de datos. Las principales limitaciones del análisis de contenido para la investigación cualitativa en educación incluyen el riesgo de reduccionismo, subjetividad en la construcción de categorías, dificultad para manejar datos no textuales y limitaciones en la generalización de resultados. Es importante que el investigador sea consciente de estas limitaciones al utilizar el análisis de contenido en sus investigaciones.

**Palabras clave:** análisis de contenido, investigación cualitativa, investigaciones educativas.

## **INTRODUÇÃO**

As etapas da pesquisa científica têm se constituído como um vasto campo de investigações, dadas as interfaces e as interlocuções que fazem parte desse processo, especialmente diante das análises e discussões que podem contribuir para ampliar e qualificar o seu desenvolvimento, especificamente em relação à abordagem metodológica utilizada pelo pesquisador diante do seu objeto de estudo.

O percurso metodológico constitui-se como ponto nevrálgico para o desenvolvimento da investigação, podendo conferir à pesquisa originalidade, rigorosidade e reconhecimento científico. É nesse momento que se estruturam os caminhos a serem percorridos pelo pesquisador, principalmente

em relação à produção e à análise dos dados, o que requer assertividade para não comprometer o seu desenvolvimento.

Os estudos no campo das ciências sociais, em especial na área da educação, têm, ao longo da história, evidenciado avanços em relação aos diferentes tipos de pesquisa e abordagens adotadas em suas investigações. Nota-se que, evolutivamente, no campo educacional, as pesquisas com abordagem qualitativa têm sido privilegiadas por possibilitarem a análise e compreensão dos fenômenos que envolvem a complexidade das ações educativas (ANDRÉ, 2013).

A multiplicidade de temas/objetos de estudo que emergem na e da escola e do sistema educacional como um todo tem privilegiado estudos exploratórios e descritivos como forma de analisar e compreender as questões em seu entorno. Assim, a abordagem qualitativa contempla a possibilidade de explorar um campo dinâmico que se estabelece a partir de aspectos sociais, culturais, históricos e políticos nos quais se produzem materialidades empíricas que necessitam ser analisadas a partir de técnicas que favoreçam a apreensão das percepções, compreensões, sentidos e significados atribuídos e manifestados em relação ao objeto de estudo (GATTI; ANDRÉ, 2011).

Nesse sentido, a opção do pesquisador por determinado tipo de pesquisa, técnica de produção e análise de dados precisa estar articulada com os objetivos, com os problemas de investigação e com os elementos como o número participantes, a abrangência e o contexto da pesquisa (GIL, 2008; TRIVIÑOS, 1987; FLICK, 2004; MINAYO, 2014; ANDRÉ, 2001, 2007). A intersecção entre esses elementos de forma pertinente e coesa, aliada à rigorosidade e ao comprometimento em todo processo investigativo, corroboraram para a credibilidade e reconhecimento dos resultados apresentados.

Dessa forma, os dados produzidos nas pesquisas com abordagem qualitativa precisam ser analisados de forma coerente, utilizando-se de técnicas que oportunizem o olhar reflexivo, compreensivo e dinâmico. A análise de conteúdo (AC), compreendida como um conjunto de técnicas que busca a compreensão dos sentidos manifestos pelos sujeitos participantes de uma pesquisa, dos documentos analisados, entre outras formas de expressão, tem se apresentado como um dos métodos mais empregados nos estudos no âmbito educacional.

A partir dessa perspectiva relacionada à Análise de Conteúdo, o problema que norteou a pesquisa deste artigo busca responder à seguinte indagação: quais as contribuições e limitações da técnica de análise de conteúdo de Bardin para a abordagem qualitativa em educação? Para responder a essa indagação, este artigo tem por objetivo descrever o método e as técnicas da análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin, bem como suas contribuições e limitações para abordagem qualitativa em educação. O texto apresenta uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica, de natureza interpretativa, que teve, como objetos de análise, artigos, livros, teses e dissertações que tratam da temática.

Com base nos resultados da pesquisa bibliográfica, acredita-se que esta investigação possa contribuir para a compreensão aprimorada da Análise de Conteúdo na abordagem qualitativa em pesquisas educacionais, além de auxiliar na formação e no desenvolvimento de pesquisadores. O propósito é o de que os pesquisadores possam utilizá-la, compreendendo que, na análise qualitativa, os dados podem não estar organizados e que seja necessário utilizar uma técnica para viabilizar a clareza metodológica, bem como, a credibilidade e o rigor.

## **PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Metodologicamente, o presente estudo adota uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, pautada em uma natureza interpretativa, fundamentada na análise de artigos, bem como em referências bibliográficas pertinentes ao âmbito temático em questão. A metodologia empregada consistiu na exploração de recursos em bibliotecas físicas e digitais, além da consulta a bancos de dados e de periódicos especializados em educação, visando a localização de materiais pertinentes.

No processo inicial, foram utilizadas palavras-chave (análise de conteúdo; Bardin; pesquisa qualitativa) relacionadas ao tema durante busca nos catálogos de bibliotecas e em bases de dados *on-line* (portal de periódicos da CAPES), a fim de compilar uma lista preliminar de fontes relevantes. Uma seleção preliminar foi conduzida, na qual os títulos, resumos e introdução dos recursos foram criteriosamente revisados para a avaliação da pertinência em relação ao tema de pesquisa estabelecido. Em seguida, uma análise minuciosa dos materiais selecionados foi realizada, registrando-se informações relevantes, descobertas fundamentais e perspectivas delineadas pelos autores.

Posteriormente, as informações compiladas foram estruturadas em seções temáticas para facilitar a análise comparativa e a identificação de lacunas no conhecimento existente. A análise comparativa incluiu uma avaliação das descobertas e perspectivas presentes nos materiais selecionados, enfatizando suas convergências, divergências e contribuições específicas para o tema em análise. Por fim, uma síntese detalhada foi elaborada a partir do escrutínio bibliográfico realizado.

## **ENTRE SENTIDOS E SIGNIFICADOS: A ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS EM PESQUISAS EDUCACIONAIS**

Consensualmente, encontramos na literatura que as pesquisas podem ser concebidas como de natureza qualitativa, quantitativa ou mista (quali-quantitativa) e cada uma delas se constitui a partir da abordagem, do enfoque, dos objetivos, das intencionalidades e dos caminhos metodológicos adotados pelo pesquisador (TRIVIÑOS, 1987; ANDRÉ, 2001, 2007; ANDRÉ; GATTI, 2008). Essa relação dialógica entre os diferentes elementos que compõem o caminho investigativo contribui para delinear as discussões e considerações a respeito do objeto de pesquisa.

Compreendidas como um conjunto de ações sistemáticas que têm por objetivo produzir novos conhecimentos a partir de um problema ou objeto de estudo, as pesquisas recorrem a procedimentos metodológicos para alicerçar as investigações. A relação entre esses elementos indica a natureza da pesquisa, ou seja, qual perspectiva orientará o pesquisador tanto no desenvolvimento da pesquisa como nas discussões e construção dos resultados.

Para Gil (2008), a pesquisa é definida como um processo intencional, racional e estruturado na busca de respostas, cujo objetivo é dar respostas a um problema existente. Entende-se, portanto, que pesquisar é investigar, é a possibilidade de avançar, de qualificar algo existente ou, ainda, de descobrir e produzir algo novo numa constante relação entre sujeito e objeto, provocando o surgimento e/ou o aperfeiçoamento de métodos de pesquisa.

O surgimento da pesquisa na abordagem qualitativa tem suas raízes históricas ainda nos séculos XVIII e XIX, quando pesquisadores e cientistas sociais se manifestaram insatisfeitos com os métodos de pesquisa utilizados nas ciências físicas e naturais para explicar os fenômenos humanos e

sociais (ANDRÉ; GATTI, 2008; ZANETTE, 2017; LIMA, 2018). Em clara crítica ao positivismo, considerando a necessidade de situar as pesquisas em um contexto, buscava-se, à época, reconhecer a relação sujeito e objeto nos fenômenos humanos e sociais, sem desprezar as relações que circundam o espaço em que se insere.

Observa-se, assim, que o desenvolvimento das pesquisas qualitativas acolhe a proposição de uma perspectiva idealista-subjetivista (ANDRÉ; GATTI, 2008) em torno da realidade em que se situam os sujeitos. Desloca-se, dessa forma, o olhar sobre a quantificação, a exatidão e as relações lógicas que explicam como ocorrem os fenômenos e passa-se a entendê-los pelo movimento constitutivo das relações sociais, ampliando assim as possibilidades de compreendê-los fora do engessamento das pesquisas quantitativas.

No contexto educacional, a partir da década de 1960, os princípios e contribuições da pesquisa qualitativa passaram a ganhar notoriedade impulsionados por ideais democráticos, lutas contra a discriminação racial e outras causas sociais que indicavam a urgência de investigar as relações que se estabelecem no cotidiano escolar (ANDRÉ; GATTI, 2001, 2008; GATTI; ANDRÉ, 2011; ZANETTE, 2017; LIMA, 2018). Isso ampliou os horizontes investigativos e as possibilidades de compreender as relações e suas diversas manifestações.

No campo educacional, as pesquisas qualitativas tendem a se situar na compreensão do fenômeno educativo, seus desdobramentos, implicações e as relações com outras dimensões (VAN ZANTEN, 2004, ANDRÉ, 2007), constituindo-se assim, em “[...] uma ocasião privilegiada, reunindo o pensamento e a ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar conhecimentos sobre aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas” (LÜDKE; ANDRÉ 2013, p. 2).

Os objetos de estudo e as abordagens utilizadas nesse contexto apresentam-se multifacetados e ampliaram-se ao longo do percurso histórico sob diferentes perspectivas. No Brasil, a introdução da abordagem qualitativa em educação “[...] teve muita influência dos estudos desenvolvidos na área de avaliação de programas e currículos, assim como das novas perspectivas para a investigação da escola e da sala de aula” (ANDRÉ; GATTI, 2008, p. 4), espraiando-se, posteriormente, por diferentes temas que fazem parte da realidade educacional (VAN ZANTEN, 2004; GATTI; ANDRÉ, 2011; ZANETTE, 2017; LIMA, 2018).

A capilarização dos temas e abrangências das pesquisas em educação evidenciam, além da evolução do campo científico, o terreno fecundo que se apresenta enquanto ciência e a complexidade que se encontra nas relações educacionais. Entendê-las, portanto, é uma atividade eminentemente humana, que se dá pelo processo reflexivo, pela interpretação e pelas evidências que essas percepções apontam e que podem constituir o avanço epistemológico. Assim, a finalidade da produção e análise de dados qualitativos é “gerar teorias, descrição ou compreensão” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 67).

Uma das características mais comuns desse tipo de pesquisa é a possibilidade de explorar os sentidos e os significados atribuídos pelos sujeitos em relação ao objeto de estudo. E por tratar de manifestações, expressões subjetivas tornam o processo de análise um exercício que exige que o pesquisador se afaste de suas crenças e convicções e que se detenha na interpretação dos dados, contextualizando-os com o referencial teórico.

Esse processo, para Bardin (2016, p. 47), desafia o pesquisador a percorrer dois caminhos convergentes, quais sejam, “compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal),

mas também e, principalmente, desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem”. Dada a sua complexidade, esses caminhos requerem um grau de organicidade e rigorosidade que confie fidedignidade e confiabilidade nas conclusões, como defende André (2013, p. 96). O rigor metodológico “não é medido pela nomeação do tipo de pesquisa, mas pela descrição clara e pormenorizada do caminho seguido pelo pesquisador para alcançar os objetivos e pela justificativa das opções feitas neste caminho” (BARDIN, 2013, p. 96).

Entre as diferentes possibilidades e técnicas de análise de dados qualitativos, destaca-se que a Análise de Conteúdo é uma das mais empregadas nas pesquisas sociais e no campo educacional, uma vez que os dados produzidos nesse tipo de pesquisa são registrados por meio de entrevistas, questionários, observação, grupo focal, entre outras técnicas que procuram captar aquilo que os sujeitos compreendem em relação ao objeto de estudo.

A análise de dados qualitativos em educação tem a finalidade de estabelecer a compreensão sobre o universo investigado a partir das percepções individuais, ou seja, os resultados finais provenientes do processo analítico e de interpretação se constituem a partir da multiplicidade, diversidade expressa de forma individual. Ao considerar as particularidades, ampliam-se os horizontes de contemplar olhares divergentes e convergentes a respeito do objeto pesquisado, contribuindo, assim, para estabelecer inferências que podem refutar ou ratificar os pressupostos da pesquisa. Nessa esteira, Campos (2004, p. 611) destaca que:

No universo das pesquisas qualitativas, a escolha de método e técnicas para a análise de dados, deve obrigatoriamente proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta (corpus), tal fato se deve, invariavelmente, à pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados, ou seja, seu caráter polissêmico numa abordagem naturalística. Um método muito utilizado na análise de dados qualitativos é o de análise de conteúdo, compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.

Nota-se que a existência da pluralidade de significados atribuídos pelos sujeitos participantes da pesquisa atribui amplitude aos estudos na área da educação. Os desdobramentos desses diferentes olhares não apenas se materializam em possibilidades de aprofundamento e significação em relação ao objeto, mas também desafiam o pesquisador a abstrair a essência dessas compreensões, muitas vezes encontradas nas entrelinhas da fala ou do texto analisado.

É nesse sentido que encontramos a riqueza da produção e análise de dados qualitativos, ao identificar as minúcias, os pormenores e a essência que os sujeitos atribuem ao tema. Essa abstração não pode ser estabelecida a partir da racionalidade das pesquisas e dados quantitativos. No entanto, a combinação das abordagens qualitativas e quantitativas é indicada para dimensionar questões e problemas da educação que precisam ser quantificados e explicados a partir da compreensão dos motivos de sua incidência ou recorrência.

As múltiplas perspectivas e compreensões sobre os temas nas pesquisas educacionais nos permitem inferir considerações relacionadas a convicções, crenças e valores que não podem ser identificadas por meio de tabulações e estatísticas. A educação é uma atividade humana, cognitiva, interacional, vivencial, histórica e cultural, estabelecida em um campo complexo no qual cada sujeito percebe a si mesmo e o seu entorno de maneiras diferentes. É necessário considerar essas diferenças e

diversidades em um plano de cognição que só é possível entender pelos significados que lhes são atribuídos.

Dessa forma, a análise de dados qualitativos nas pesquisas educacionais percorre não só os meandros das incertezas, das fragilidades, mas também das convicções e certezas que o sujeito tem em relação a um problema, um fenômeno, um tema, sendo que suas manifestações precisam ser acolhidas, interpretadas e conduzidas com rigorosidade e comprometimento identificando os sentidos e significados que se constituem como base para produção de novos conhecimentos.

## **A ANÁLISE DE CONTEÚDO: TESSITURAS COM O CONTEXTO EDUCACIONAL**

A Análise de Conteúdo pode ser compreendida, portanto, como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2016, p. 15), cujo objetivo é explorar os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos participantes de estudos qualitativos, e também quantitativos, a respeito de um tema, problema e/ou fenômeno, a partir da sistematização rigorosa e estruturada de:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016, p. 46).

Essa técnica de análise é reconhecida e amplamente aplicada em pesquisas sociais, humanas e educacionais por pesquisadores que buscam a compreensão dos significados da fala, transpondo os critérios de objetividade das palavras e, diante da inferência, construir uma interpretação ampla e conexão com o referencial teórico (MINAYO, 2014), a partir do tratamento de dados que visam identificar o que está sendo dito a respeito do objeto de estudo. Assim, a partir da produção ou seleção dos dados oriundos da pesquisa, constituem-se informações que podem ser confrontadas com aquelas já existentes, o que permite estabelecer comparações e identificar a recorrência entre um considerável número de dados produzidos (GIL, 2008), sejam eles verbais ou não-verbais.

Em consonância com o exposto, pode-se afirmar que a técnica de Análise de Conteúdo “[...] se destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo que sejam comparáveis a uma série de outros elementos” (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016, p. 175), indicando, assim, elementos congruentes para composição de novos conhecimentos. Esse processo constitutivo e construtivo ocorre, a partir de Bardin (2016), por meio da produção de inferências, ou seja, constitui-se numa atividade intuitiva de interpretar as mensagens presentes nos dados a partir de sua sistematização objetiva.

Ainda nessa direção, Franco (2008, p. 20) concebe a Análise de Conteúdo como “[...] um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”, permitindo, assim, ao pesquisador, “fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação: (i) as características do texto; (ii) as causas e/ou antecedentes das mensagens; (iii) e os efeitos da comunicação”, demonstrando o engendramento entre as diferentes alternativas de aprofundamento sobre a materialidade empírica produzida.

Vislumbra-se na literatura a convergência entre diferentes autores (MINAYO, 2014; FRANCO, 2008; OLIVEIRA *et al.*, 2003; GIL, 2008; BOGDAN; BIKLEN, 1994; TRIVIÑOS, 1987, entre outros) que têm se alicerçado em Laurence Bardin para reconhecer e conceber o conceito de Análise de Conteúdo como um conjunto de procedimentos e técnicas que busca interpretar, a partir da sistematização e organicidade, os dados produzidos por meio de pesquisas, reconhecendo-o como essencial e adequado para estudos de natureza qualitativa (FLICK, 2004; GIL, 2008; ANDRÉ, 2001, 2007; 2013; GATTI; ANDRÉ, 2011; CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014; SILVA; FOSSÁ, 2015; LEITE, 2017; LIMA, 2018; SOUSA; SANTOS, 2020; PAIVA; OLIVEIRA; HILLESHEIM, 2021).

Convém destacar que a escolha do método de Análise de Conteúdo deve estar em consonância com o delineamento da pesquisa, os objetivos, o problema, o referencial teórico, as intencionalidades e o conhecimento que se busca construir a partir do objeto de estudo, necessitando-se de uma organização lógica, coerente e sistematizada sobre todas as fases que serão percorridas. Flick (2004, p. 17) destaca que “cada método baseia-se em uma compreensão específica de seu objeto” e, nas pesquisas qualitativas, as escolhas são determinantes, pois não dependem apenas do método, mas sim da condução de todo o processo, pois envolve dimensões que são testadas e experimentadas e que se concretizam pela interpretação e contextualização (FLICK, 2004; MINAYO, 2014; FRANCO, 2008, SAMPAIO *et al.* 2022).

A partir da definição da técnica de Análise de Conteúdo a ser utilizada, estabelecem-se os delineamentos para a condução da análise dos dados. Considerando que o processo analítico requer organicidade e rigor na sua execução, essa fase metodológica é estruturada em diferentes etapas. Por sua vez, a Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2016), é composta por três fases: **a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação**. Essas fases apresentam intersecções e cabe ao pesquisador comprometer-se com a realização de cada fase com rigorosidade para não comprometer a fase seguinte, visto que há interdependência entre elas, ou seja, é preciso respeitar a ordem das fases, não sendo possível realizar, por exemplo, as inferências e a interpretação sem antes realizar a pré-análise e a exploração do material. A falta de rigor e observância da sequência das fases propostas por Bardin incorrem no risco de comprometer a análise e as considerações tecidas.

A obediência às fases, o rigor em sua organização e a coerência em sua realização irão contribuir para a validade dos achados, evitando, assim, ambiguidades e fragilidades durante o processo, conferindo, dessa forma, maior confiabilidade à pesquisa, conforme a Figura 01.

**Figura 01-** Representação da intersecção entre as etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos estudos de Bardin (2016).

Convém destacar que as três fases apresentadas por Bardin (2016) têm características e objetivos distintos, mas que se interseccionam, dialogam à medida que estabelecem coerência e dependência entre si. Essas fases, por sua vez, são compostas por etapas que dão sustentação ao desenvolvimento de cada uma delas e estabelecem o fio condutor de todo o processo. Na sequência, serão apresentadas, com mais detalhes, cada uma das fases investigativas propostas por Bardin.

A **pré-análise** é a primeira fase da Análise de Conteúdo, é o momento da organização do material sobre o qual o pesquisador irá sistematizar as ideias preliminares, é um momento de “intuições” (BARDIN, 2016, p. 125). Esse contato inicial tem por intenção permitir ao pesquisador diferenciar a relevância, a pertinência dos materiais a serem utilizados daqueles que pouco agregam à pesquisa. Essa etapa tem por objetivo “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais” como destaca Bardin (2016, p. 125). É por essa razão que, nesse momento, o pesquisador precisa fazer uma leitura flutuante do material disponível, selecionando os documentos que apresentam maiores contribuições. É, também, o momento de formular hipóteses e alguns objetivos a serem atingidos. Considerando o exposto, identifica-se que a fase de pré-análise é composta por quatro momentos, quais sejam:

1 - Leitura flutuante: processo em que o pesquisador se debruça a conhecer e reconhecer o material, momento em que ele cria as primeiras impressões sobre o que encontrou para analisar. Ao estabelecer esse contato com o material por meio da leitura, “deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2016, p. 126), o pesquisador amplia seu olhar sobre o material, passa a impregnar-se dele à medida que estabelece conexões com as hipóteses, com a projeção teórica e com os objetivos propostos.

2 - Escolha dos documentos: a partir do contato primário (leitura flutuante) com o material, procede-se para a seleção daqueles que irão compor o *corpus* de análise. Esse processo é complexo e desafia o pesquisador a dedicar-se na imersão do material, considerando aqueles que possam “[...] fornecer informações sobre o problema levantado” (BARDIN, 2016, p. 126), ou ainda, levando em conta “o universo demarcado (o gênero dos documentos sobre os quais se pode efetuar a análise)” (BARDIN, 2016, p. 126). Assim, é preciso selecioná-los de modo que possam constituir-se em material relevante, seguindo quatro regras (BARDIN 2016, p. 126-127), que têm como propósito conferir maior pertinência e assertividade às escolhas. Vejamos:

a) regra da exaustividade: a partir da definição do campo do *corpus* com o qual o pesquisador irá trabalhar, é preciso que ele identifique todos os elementos que fazem parte desse *corpus* e, então, selecione todos os materiais que contenham algum desses elementos (BARDIN, 2016). Esse processo requer, do pesquisador, atenção e olhar crítico sobre todo material, revisitando as fontes tantas vezes quanto for necessário, para não incorrer no erro de excluir alguma delas sem argumentos relevantes e concernentes com o rigor estabelecido. A exaustividade é ir a fundo, selecionar, escolher o máximo de materiais que tenham relação direta com os elementos da pesquisa, oportunizando, assim, uma completude e abrangência maior em relação ao universo de investigação;

b) regra da representatividade: a regra da representatividade diz respeito ao processo de seleção de uma amostra do material que seja representativa do universo inicial. Essa amostragem deve permitir a descoberta das características dos elementos presentes na amostra, ou seja, a redução do material precisa contemplar critérios e elementos idênticos que possam ser avaliados e considerados, muitas vezes, de forma generalizada (BARDIN, 2016). No entanto, é importante destacar que, em muitos casos de pesquisa, não é possível reduzir o material, sendo mais viável reduzir o universo de pesquisa e

análise. É necessário ter em mente que, ao reduzir o material a uma amostra, pode haver dificuldade na generalização das considerações, pois a compreensão do todo pode ficar fragilizada. Por isso, é importante ter cuidado com essa prática nas pesquisas educacionais, já que os resultados obtidos com a amostragem nem sempre se aplicam em todos os contextos e espaços. O exercício da representatividade requer do pesquisador um amplo domínio e uma sustentação teórica contundente, especialmente quando se faz a generalização, uma prática complexa, mas viável, desde que tenha uma estreita relação com o objetivo da pesquisa;

c) regra da homogeneidade: nessa etapa, observa-se se os materiais são homogêneos e se obedecem aos critérios de escolha (BARDIN, 2016). Aplicam-se, nesse momento, os critérios de inclusão e exclusão do material, os quais precisam, indubitavelmente, tratar do mesmo tema, além de ser definidos de acordo com o problema de pesquisa e com os objetivos. A regra da homogeneidade se aplica mais quando o intuito é obter resultados globais ou comparar resultados entre si, como, por exemplo, analisar a aplicação de determinado instrumento de produção de dados em uma pesquisa educacional (entrevista semiestruturada). Nesse caso, selecionam-se apenas os materiais que utilizarão esse instrumento para produção de dados sobre o mesmo tema, assim, o pesquisador terá um *corpus* que será composto por materiais sobre o mesmo tema e que se utilizaram do mesmo instrumento, o que lhe permitirá fazer comparações, haja vista que os elementos são idênticos;

d) regra da pertinência: observa-se, ao aplicar essa regra, se o material tem relação direta com o tema/objeto de análise (BARDIN, 2016). A pertinência, por vezes, é identificada pelo exercício da leitura mais detalhada, atenta e completa do material. Um dos erros cometidos nessa etapa é, por exemplo, realizar a análise apenas de títulos e resumos de artigos que, muitas vezes, apresentam lacunas e fragilidades nas informações. Transpor e contemplar o todo do material diminui o erro de excluir algum que apresente boas contribuições.

3 - Formulação e/ou reformulação dos objetivos e hipóteses: nessa etapa da pré-análise, o pesquisador tem a possibilidade de lançar mão de algumas hipóteses que serão confirmadas ou não com o processo analítico. “Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece suspensa enquanto não for submetida à prova de dados seguros” (BARDIN, 2016, p. 128). Ao formular hipóteses, o pesquisador tem a possibilidade de guiar-se e estruturar o processo de análise com vistas a refutá-los ou ratificá-los, contudo, dependendo dos objetivos e do problema da pesquisa, essa ação se constitui como indispensável, pois o delineamento e as escolhas do pesquisador, em muitos casos, conseguem dar conta de explorar o tema/objeto de estudo. O objetivo, por sua vez, é, de acordo com Bardin (2016), a explicitação da finalidade a que se propõe. Deve ser claro e adquirido pelo pesquisador para que possa orientá-lo e mantê-lo focado em responder o problema de pesquisa.

4 - Formulação dos indicadores que subsidiarão a preparação para a exploração do material: considerando-se que o material de análise é uma representação em que se encontram as manifestações. Nessa etapa busca-se identificar quais são os indicadores que mais aparecem nesses materiais e sua frequência orientará o pesquisador na fase seguinte, que é a exploração do material, conforme Bardin (2016).

A fase de **exploração do material** inicia-se com a codificação que, na análise de conteúdo, segundo Bardin, se refere ao processo de transformação dos dados brutos, como textos, imagens ou áudios, em unidades de análise significativas para a pesquisa. Essas unidades de análise podem ser palavras, frases ou segmentos de texto que contenham informação relevante para o estudo em questão.

A codificação envolve a criação de códigos ou etiquetas que representam conceitos importantes para a pesquisa. Esses códigos são atribuídos aos dados durante a fase de codificação. O processo de codificação pode ser feito de forma aberta – quando o pesquisador não tem categorias predefinidas e descobre novos temas ou padrões nos dados – ou de forma fechada – quando o pesquisador utiliza categorias preestabelecidas para verificar a presença ou frequência de determinados conceitos (BARDIN, 2016).

A partir da codificação, faz-se a categorização, que, para Bardin (2016, p. 147), é “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. Para Bardin (2016), uma categoria precisa seguir alguns dos princípios a seguir:

a) Exclusão mútua: “Esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão” (BARDIN, 2016, p. 150).

b) Homogeneidade: “O princípio de exclusão mútua depende da homogeneidade das categorias. Um único princípio de classificação deve governar a sua organização” (BARDIN, 2016, p. 150).

c) Pertinência: “uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido” (BARDIN, 2016, p. 150).

d) Objetividade e fidelidade: “As diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises” (BARDIN, 2016, p. 150).

De acordo com Bardin (2016), as categorias podem ser apriorísticas ou não-apriorísticas. As apriorísticas são aquelas que ocorrem nos casos em que o pesquisador, de antemão, possui alguma experiência prévia na área. Tais categorias têm como desvantagem o fato de, uma vez pré-determinadas, poderem impedir a acomodação de novos fenômenos ou constatações. Já as categorias não-apriorísticas, são aquelas que:

Emergem totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa, o que inicialmente exige do pesquisador um intenso ir e vir ao material analisado e teorias embasadoras, além de não perder de vista o atendimento aos objetivos da pesquisa. A verdade é que não existem fórmulas mágicas que possam orientar o pesquisador na categorização, e que nem é aconselhável o estabelecimento de passos norteadores (CAMPOS, 2004, p. 614).

Na última etapa desse movimento, o pesquisador deve proceder ao **tratamento dos resultados e à interpretação**, a partir, por exemplo, da inferência que, para Bardin (2016, p. 165), precisa “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor”. O processo interpretativo pode ser compreendido como o momento em que o pesquisador dá sentido e significado às manifestações encontradas e estabelece o diálogo com o arcabouço teórico.

Além disso, compreende-se que para alcançar uma definição mais completa acerca da Análise de Conteúdo pode-se recorrer à descrição de algumas das suas características, como Leite (2017) enfatiza:

- No que diz respeito à descrição e à interpretação, é possível que se entenda a Análise de Conteúdo como uma alternativa à explicitação daquilo que há no texto, por meio de sua descrição, ou ainda, de sua interpretação.

- No que tange à compreensão, o quanto a Análise de Conteúdo esforça-se por promover um entendimento do fenômeno. Não se trata, como esclarece Leite (2017), de criticá-lo, propriamente, mas sim de elucidá-lo.

- Quanto àquilo que está implícito e àquilo que está explícito, a Análise de Conteúdo reafirma sua origem no Positivismo, destacando o que está explícito, mas também se ocupa em descrever ou interpretar aquilo que está implícito, trazendo à luz elementos que ajudam explicar ou determinar um fenômeno, problema e/ou objeto de estudo.

Nota-se que a organicidade e rigorosidade presentes no processo da Análise de Conteúdo corroboram para torná-la um método de análise de dados que busca extrair elementos que se encontram impregnados nas expressões verbais ou não. As fases e desdobramentos provocados em cada uma das etapas conseguem absorver informações, organizá-las, aproximá-las e apresentar os elementos para a etapa seguinte, conferindo ao processo de análise um percurso estruturado e delineado sistematicamente, para que o pesquisador possa se guiar durante o processo, desde a organização do material até as inferências, análises e considerações sobre os achados da pesquisa.

## **AS TÉCNICAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Bardin (2016) destaca seis técnicas da Análise de Conteúdo que, costumeiramente, se empregam nessa abordagem metodológica e comumente são empregadas nas pesquisas educacionais, resguardadas as aproximações e a coesão entre objeto de estudo, problema, objetivos e instrumento de produção dos dados.

Como já mencionado anteriormente, a Análise de Conteúdo é um método de pesquisa que envolve a sistematização e a interpretação de dados a partir de uma análise sistemática e objetiva do conteúdo de um conjunto de dados. Pode ser aplicado em diversos tipos de dados, como entrevistas, textos, imagens, vídeos, entre outros. As técnicas da Análise de Conteúdo, por sua vez, são procedimentos específicos utilizados para realizar a análise do conteúdo dos dados coletados. São métodos específicos que fazem parte da Análise de Conteúdo e que têm como objetivo a identificação e a classificação de elementos importantes presentes nos dados como palavras, expressões, unidades de sentido, proposições, entre outros.

Assim, as técnicas são parte integrante do método da Análise de Conteúdo e têm como objetivo principal a organização e a interpretação dos dados coletados de forma sistemática e rigorosa. O método proposto por Laurence Bardin, por sua vez, é um conjunto de etapas e procedimentos que guiam a Análise de Conteúdo, incluindo a utilização de diversas técnicas específicas para a análise dos dados. Em resumo, enquanto o método da Análise de Conteúdo é uma abordagem geral, que busca orientar todo o processo de análise de dados qualitativos, as técnicas da Análise de Conteúdo são procedimentos específicos utilizados para identificar e classificar elementos importantes presentes nos dados coletados.

O objetivo das técnicas de Análise de Conteúdo propostas por Laurence Bardin é realizar uma análise sistemática e objetiva do conteúdo de um conjunto de dados, buscando compreender o seu significado e identificar padrões ou tendências presentes nos dados. Dessa forma, as técnicas de Análise de Conteúdo propostas por Bardin contribuem para uma compreensão mais profunda e rigorosa dos dados, permitindo a elaboração de conclusões mais precisas e fundamentadas. As técnicas utilizadas são:

análise categorial, análise de avaliação, análise da enunciação, análise proposicional do discurso, análise da expressão e análise das relações.

A primeira das técnicas é a **Análise Categorial**, a mais antiga prática utilizada na Análise de Conteúdo e muito empregada na área da educação para a emergência de categorias de análise a partir da materialidade que se propõe a analisar. Apresenta um processo que se estabelece a partir da análise e exploração do material, compondo as categorias temáticas, ou seja, identificando os temas mais recorrentes encontrados nos materiais ou enunciados pelos sujeitos participantes da pesquisa.

O uso da técnica de análise categorial possibilita a criação de inferências sobre determinado conteúdo a partir da codificação do conteúdo, ou seja, a partir do agrupamento das semelhanças, dos elementos (códigos) parecidos, que, ao final do processo, se constituem em categorias. Essas categorias permitem compreender, descrever, explicar e evidenciar, a partir de um conjunto de contribuições e aproximações, o fenômeno de investigação. A análise categorial representa um processo de discussão e análise que contempla uma amplitude de informações que precisam ser organizadas de modo reflexivo e coerente, promovendo intersecções claras na busca de respostas para os objetivos propostos. Apesar de parecer simples, trata-se de um processo complexo.

De acordo com Bardin (2016, p. 203), outra técnica é a **Análise de Avaliação** ou Análise de Asserção Avaliativa, que pode ser descrita como a mensuração das atitudes de algum “locutor quanto aos objetivos do que se fala. A concepção da linguagem em que esta análise se fundamenta chama-se ‘representacional’, isto é, considera-se que a linguagem representa e reflete diretamente aquele que a utiliza”. Assim, as inferências são indicadas a partir da manifestação explicitada na comunicação. A Análise de Avaliação busca identificar os valores e julgamentos presentes no material analisado, como críticas, elogios, juízos de valor, entre outros. Embora essa técnica pareça, à primeira vista, de fácil aplicação, Bardin (2016) destaca o fato dela ser extremamente trabalhosa no processo de análise, portanto, reconhecemos que em um universo de investigação com a participação de muitos sujeitos, essa técnica, mesmo com suas potencialidades e possibilidades, se tornaria exaustiva.

Já a técnica da **Análise da Enunciação** parte do princípio de que a comunicação não é um dado, mas um processo. Assim, não se percebe o discurso como algo manipulável e fragmentável, busca-se identificar as unidades de sentido completas presentes no material analisado, no caso, o discurso, e categorizá-las de acordo com sua forma e conteúdo. O discurso analisado de acordo com essa técnica é compreendido em um momento de processo de elaboração e apresenta interlocuções, pois quando se faz a análise da enunciação de uma entrevista, estamos despidos de hipóteses, ou seja, “cada entrevista é estudada em si mesmo como uma totalidade organizada e singular. Trata-se do estudo dos casos. A dinâmica própria de cada produção é analisada e os diferentes indicadores adaptam-se à irredutibilidade de cada locutor” (BARDIN, 2016, p. 223).

A quarta técnica apresentada por Bardin (2016) é a **Análise proposicional do discurso**, que se concentra na análise do conteúdo semântico ou proposicional dos dados, isso é, na identificação das proposições ou ideias centrais que compõem o discurso. Essa técnica busca identificar e classificar as proposições presentes nos dados analisados, de forma a compreender as relações entre elas e inferir as intenções e opiniões do autor ou dos participantes envolvidos. A análise proposicional pode ser utilizada para identificar padrões de pensamento ou para avaliar a congruência entre o que é dito e o que é feito. É uma técnica da Análise de Conteúdo que se concentra na identificação e classificação das proposições

ou ideias centrais presentes nos dados coletados, permitindo uma compreensão mais profunda e rigorosa do conteúdo analisado.

Por sua vez, a **Análise da expressão**, outra técnica da Análise de Conteúdo, considera que pode haver certo paralelismo entre o discurso e algumas características do seu locutor (BARDIN, 2016). Essa técnica se concentra na análise da forma ou do modo de expressão dos dados, isso é, nas características linguísticas, gramaticais, sintáticas e estilísticas do conteúdo analisado. Além disso, busca identificar e descrever os aspectos formais e linguísticos do conteúdo analisado, como a estrutura das frases, o uso de vocabulário específico, a presença de figuras de linguagem, entre outros elementos. A análise de expressão pode ser utilizada para identificar, por exemplo, tendências linguísticas em um determinado discurso, ou para avaliar o estilo de escrita de um autor. Essa técnica é especialmente útil em áreas como a linguística, a comunicação e a literatura, mas também pode ser aplicada em outras áreas do conhecimento que envolvam a análise de dados textuais, como a sociologia, a psicologia e a educação. A análise de expressão é uma técnica da Análise de Conteúdo que se concentra na análise das características formais e linguísticas dos dados coletados, permitindo uma compreensão mais profunda e rigorosa do conteúdo analisado.

Por fim, a **Análise das relações** busca encontrar, em uma mensagem, a presença simultânea de diversos elementos que tenham relação direta entre si. Além disso, não busca destacar necessariamente o número de vezes que um termo aparece em uma mensagem específica, mas sim a forma como esses elementos estão organizados nela (BARDIN, 2016). Dentro da análise das relações, identificam-se duas técnicas analíticas: 1) análise das ocorrências, que procura extrair do texto as relações entre elementos contidos na mensagem, identificando as presenças simultâneas de dois ou mais elementos em um fragmento de mensagem; e, 2) análise estrutural, cujo trabalho analítico não ocorre com base na classificação dos signos ou das significações, mas sim na tentativa de descobrir as constantes significativas presentes de forma explícita. A análise estrutural “engloba um número de técnicas que tentam passar do nível anatômico da análise a um nível molecular, e centram os seus procedimentos, mesmo num plano muito elementar, mais nos laços que unem os componentes do discurso, do que nos próprios componentes” (BARDIN, 2016, p. 268).

Nota-se, a partir de Bardin (2016), a versatilidade e dinamicidade que compõem as técnicas da Análise de Conteúdo. Cada uma, com suas especificidades, busca compreender o que é comunicado, seja de forma verbal ou não, por meio de seus caminhos metodológicos, estruturação e sistematização, além das evidências que produzem ou levam à interpretação de algo. O avanço e a transposição daquilo que é encontrado, analisado e interpretado para um novo campo compreensivo, de debate e aproximação com outros olhares, constituem o movimento evolutivo da produção do conhecimento, que se torna possível por meio do processo de pesquisa e das técnicas de análise.

## **CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DO MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

Os processos de produção e análise de dados nas pesquisas em educação podem ser considerados fatores determinantes para construção de conhecimento em um campo marcado pela multiplicidade de temas, problemas e objetos de estudo, um campo que tem se ampliado, dentre outros

motivos, pelo próprio aperfeiçoamento e expansão das abordagens, caminhos metodológicos, instrumentos de produção e técnicas de análise de dados, bem como pelo interesse dos pesquisadores.

A escolha do percurso metodológico, em especial a técnica de análise dos dados, é fulcral para que o pesquisador possa explorar com maior relevância e coerência o seu objeto de estudo, pois essa técnica pode contribuir ou até mesmo comprometer a viabilidade das análises e considerações a respeito do estudo.

No contexto educacional, a abertura observada em relação às técnicas e abordagens utilizadas nas pesquisas tem se mostrado favorável à compreensão dos processos educacionais de forma mais dialógica, reflexiva, interagindo e explorando as diferentes manifestações, compreensões e percepções acerca dos fenômenos em seu cotidiano e seu entorno. Dadas as características comumente observadas nos processos investigativos no campo da educação, identifica-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) como um método recorrentemente utilizado, uma vez que apresenta a possibilidade de, justamente, por meio de suas técnicas, explorar as questões mais subjetivas, ampliar os horizontes da pesquisa e interpretar a realidade (VAN ZANTEN, 2004; ANDRÉ, 2007, 2013; ANDRÉ; GATTI, 2008).

E, como afirmam Sampaio *et al.* (2023, p. 11) ao mapearem e refletirem sobre o uso do método Análise de Conteúdo, “existe uma hegemonia em diferentes estudos, no uso de Bardin, [...] identificada nos diferentes estudos, mas naturalizada e, em certa medida, até valorizada, uma vez que certos artigos ainda buscam avaliar a qualidade da análise de conteúdo baseados exclusivamente nas definições de Bardin”, corroborando, assim, com sua relevância para a produção do conhecimento. Gatti (2001), ao refletir sobre as implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo, já destacava a relevância da pesquisa qualitativa e da Análise de Conteúdo, destacando que esse método pode contribuir de maneira significativa para a interpretação da realidade.

[...] o seu uso se expandiu pela busca de métodos alternativos aos modelos experimentais e aos estudos empiristas, cujo poder explicativo sobre os fenômenos educacionais vinha sendo posto em questão, como ocorreu com os conceitos de objetividade e neutralidade embutidos nesses modelos. As alternativas apresentadas pelas análises chamadas qualitativas compõem um universo heterogêneo de métodos e técnicas, que vão desde a análise de conteúdo com toda sua diversidade de propostas, passando pelos estudos de caso, pesquisa participante, estudos etnográficos, antropológicos, etc (GATTI, 2001, p. 73).

Nessa esteira, observa-se que os estudos acerca da relação entre pesquisa qualitativa e pesquisa educacional têm crescido significativamente, incluindo nas discussões o método de Análise de Conteúdo, evidenciando as contribuições históricas e epistemológicas no processos de construção do conhecimento (PALÚ; PETRY, 2022; BATISTA; OLIVEIRA; CAMARGO, 2021; PAIVA; OLIVEIRA; HILLESHEIM, 2021; SOUSA; SANTOS, 2020; LIMA, 2018; ZANETTE, 2017; LEITE, 2017; SERAMIM; WALTER, 2017; GONÇALVES, 2016; SILVA; FOSSÁ, 2015; CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014).

A legitimação do uso dessa abordagem e técnica de Análise de Conteúdo no contexto educacional se dá pela interligação entre elas, suas intencionalidades e pelo reconhecimento da importância da interpretação, da necessidade de qualificar as vivências dos sujeitos e do acolhimento dessa prática processual em constante construção, o que permite diferentes olhares, interpretações e significações. Silva, Oliveira e Britto (2021, p. 64), ao refletirem sobre a Análise de Conteúdo enquanto perspectiva metodológica qualitativa em pesquisas no âmbito das pesquisas educacionais, defendem que

[...] é possível desvendar fenômenos, dos quais, muitas vezes na área da educação soam ter apenas um aspecto escolar, mas se vistos por outra ótica, nos trazem várias outras significações do âmbito social, extraescolar, que pode muitas vezes ajudar o pesquisador a lidar com uma situação problema. Ou seja, como a Análise de Conteúdo permite e favorece tal aprofundamento, através do próprio fenômeno é possível se atentar a outros pontos que levam ao desencadeamento do mesmo.

Nessa perspectiva, sintetizam-se, a seguir, no Quadro 1, alguns subsídios teóricos de estudos anteriores que vêm corroborando para evidenciar as contribuições e limitações do método da Análise de Conteúdo nas pesquisas educacionais.

**Quadro 1 - Contribuições e Limitações da Análise de Conteúdo**

<b>Contribuições</b>	<b>Limitações</b>
Oliveira <i>et al.</i> (2003, p. 15): “[...]ultrapassa os limites de uma análise limitada unicamente ao conteúdo manifesto. A opção de realizar uma análise temática, em detrimento de uma análise de conteúdo manifesto, na qual os dados seriam plenamente quantificáveis, justifica-se pela vontade de se compreender o sentido pleno do discurso, inclusive o de assinalar os seus conteúdos latentes”.	Oliveira <i>et al.</i> (2003, p. 15): “[...] a análise de conteúdo temática tem sido considerada subjetiva e até mesmo impressionista, pois desde o início ela repousa sobre uma atividade interpretativa e uma “codificação intuitiva” do pesquisador”.
Franco (2008, p. 15): “[...] a Análise de Conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação”.	Franco (2008, p. 16): “a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica. Uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor”.
Cavalcante; Calixto, Pinheiro (2014, p. 15): “A análise de conteúdo, [...] emerge como técnica que se propõe à apreensão de uma realidade visível, mas também uma realidade invisível, que pode se manifestar apenas nas ‘entrelinhas’ do texto, com vários significados”.	Cavalcante; Calixto, Pinheiro (2014, p. 15): “[...] a análise requer uma pré-compreensão do ser, suas manifestações, suas interações com contexto, e principalmente requer um olhar metucioso do investigador. Para isso, é importante verificar os níveis que estruturam uma pergunta de pesquisa tais como o saber que penetra tangencialmente ou lateralmente, o saber concomitante e atemático e ainda o pré-saber não singularmente determinado”.
Palmeira; Cordeiro; Prado (2020, p. 19): “Por ser uma técnica que leva em consideração inúmeros elementos que circundam os horizontes pesquisados, desprende-se, de certa forma, dessa ‘dureza metodológica’ [...], captando com muita riqueza detalhes e circunstâncias que envolvem determinado objeto, esboçando, na leitura dos achados da pesquisa, um retrato mais fiel do que os dados revelam [...]”.	Sampaio; Lycarião (2018, p. 42): “[...] a necessidade de, em qualquer pesquisa com AC quantitativa, realizar-se testes de confiabilidade. Isso porque eles são ferramentas cruciais para se garantir que uma pesquisa seja replicável. Uma vez que, a replicabilidade é condição de possibilidade da confiabilidade, uma pesquisa sem um teste e procedimento similar ao aqui descrito deixa de garantir tal condição”.
Sousa; Santos, (2020, p. 1440): “[...] conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados”.	Sousa; Santos, (2020, p. 1413-1414) “Requer rigorosidade e sistemática de regras que precisa ser aprendida e exercitada para assim, ser possível tirar o máximo de abstrações possíveis de um fato, fenômeno ou de uma resposta dada por um sujeito de pesquisa”.
Paiva; Oliveira; Hillesheim, (2021, p. 31): “O diferencial da Análise de Conteúdo é a separação do discurso em partes por meio de procedimentos sistemáticos e bem definidos na busca de compreensão das mensagens, ou seja, de tudo aquilo que é dito e também o que não é dito, utilizando de definições lógicas para alcançar entendimento e/ou descobertas sobre o objeto estudado”.	Paiva; Oliveira; Hillesheim, (2021, p. 31): “Este método oscila entre o caminho da objetividade e da subjetividade buscando interpretar através de rigor científico aquilo que se encontra escondido por trás das mensagens”.
Palú; Petry (2022, p. 166) “[...] ferramenta metodológica importante, oferecendo subsídios que possibilitam a	Palú; Petry (2022, p. 168): “[...] um tanto subjetiva, uma vez que está relacionada às percepções do pesquisador

rigoriedade que a atividade requer, uma que vez se trata de estratégias metodológicas adequadas para estudos do campo, embora se constitua em procedimento metodológico complexo em sua materialização”.	[...]. Outra limitação diz respeito às pesquisas que privilegiam o critério de frequência, uma vez que esse nem sempre expressa a importância de um tema [...], bem como o domínio teórico que implica no desenvolvimento das demais fases propostas pela AC”.
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Vislumbram-se, no Quadro 1, alguns dados que corroboram e indicam as contribuições e limitações do uso da Análise de Conteúdo para análise de dados em pesquisas qualitativas. Nota-se que o reconhecimento da rigorosidade no processo sistemático e analítico constitui-se em um argumento que advoga a favor do método que, justamente pela capacidade de interpretação, é capaz de descortinar cenários e apresentar elementos que não identificamos apenas pela prática interpretativa.

Ainda que apresente limitações e fragilidades, a interpretação de uma manifestação frequente pode contribuir para a construção de um corpo de representações, enriquecendo a pesquisa e possibilitando a apreensão de significações cabais para o objeto do estudo. Contudo, a rigorosidade, o comprometimento e a correta aplicação das etapas desse método tendem a diminuir essas fragilidades (SAMPAIO *et al.* 2022; SERAMIM; WALTER, 2017; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2017; CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014; ANDRÉ, 2001, 2007, 2013; VAN ZANTEN, 2004; OLIVEIRA *et al.* 2003).

Embora a Análise de Conteúdo seja um método bastante utilizado na pesquisa qualitativa em educação, existem algumas limitações associadas à sua utilização, na perspectiva de Bardin. A seguir, apresentam-se as principais limitações:

- Risco de reducionismo: a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, exige que os dados sejam categorizados e reduzidos a um número limitado de categorias. Isso pode levar a uma simplificação excessiva dos dados e a uma perda de nuances e complexidades presentes nos dados.

- Subjetividade na construção das categorias: a construção das categorias de análise na análise de conteúdo é um processo subjetivo, que depende das escolhas do pesquisador. Isso pode levar a diferentes resultados, dependendo do pesquisador que está realizando a análise.

- Falta de atenção ao contexto: a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, pode negligenciar o contexto em que os dados foram produzidos. Isso pode levar a uma compreensão limitada dos significados presentes nos dados e a conclusões equivocadas.

- Dificuldade em lidar com dados não-textuais: a análise de conteúdo é um método voltado principalmente para dados textuais, o que pode limitar sua utilidade em pesquisas que envolvem outras formas de comunicação, como imagens, áudio e vídeo.

- Limitações na generalização dos resultados: a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, é uma técnica voltada para a análise de dados específicos e não permite a generalização dos resultados para uma população mais ampla. É importante que o pesquisador esteja ciente dessas limitações ao utilizar a Análise de Conteúdo em suas pesquisas.

Entretanto, a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, oferece várias contribuições importantes para a pesquisa qualitativa em educação. A seguir, são apresentadas algumas das principais contribuições:

- Permite uma análise sistemática e rigorosa dos dados: a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, oferece um conjunto de procedimentos e técnicas que permitem uma análise sistemática e rigorosa dos dados coletados em pesquisas qualitativas em educação. Isso permite que o pesquisador

explore os dados de forma mais profunda e estruturada, identificando padrões, categorias e temas relevantes.

- Possibilita uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados: a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, permite que o pesquisador explore os significados e as interpretações presentes nos dados coletados, o que pode levar a uma compreensão mais profunda e complexa dos fenômenos em estudo. Isso pode contribuir para a produção de conhecimento mais robusto e teoricamente embasado sobre a área da educação.

- Oferece uma abordagem flexível e adaptável: a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, é uma abordagem flexível e adaptável que pode ser aplicada a diferentes tipos de dados e contextos de pesquisa. Isso significa que o pesquisador pode utilizar a análise de conteúdo em pesquisas qualitativas em educação de diferentes naturezas e objetivos, adaptando-as às necessidades específicas de sua pesquisa.

- Possibilita a identificação de lacunas na literatura: a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, permite que o pesquisador identifique lacunas na literatura e áreas que podem ser mais exploradas. Isso pode contribuir para o avanço da pesquisa em educação e para a produção de conhecimentos mais atualizados e relevantes.

- Permite a triangulação dos dados: a análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, pode ser utilizada em conjunto com outras técnicas de coleta e análise de dados, como a observação participante, as entrevistas e os grupos focais. Isso permite que o pesquisador triangule os dados e obtenha uma compreensão mais completa e multifacetada dos fenômenos estudados.

Outra característica marcante que o método pautado na Análise de Conteúdo permite é que se elucide dados, em geral, latentes nas mensagens fornecidas pelos locutores. A interpretação das percepções dos atores sociais é uma atividade complexa, que pode ser abordada com algum sucesso por meio dessa técnica metodológica e pelas aberturas que ela proporciona, construindo, assim, um movimento de ida e volta entre sujeito, objeto e teoria.

Assim, a pertinência do método de Análise de Conteúdo ao problema da pesquisa e a criatividade do pesquisador em produzir os dados residem na possibilidade de estabelecer interlocuções que sustentem as argumentações teóricas e os achados evidenciados, o que, nas pesquisas educacionais, é fulcral para a compreensão dos temas, problemas e fenômenos pesquisados, ampliando, assim, o repertório conceitual e compreensivo acerca deles. Essas e outras questões apresentam desdobramentos nos processos investigativos que requerem olhares a partir da racionalidade crítico-reflexiva, buscando descobrir a essência, o processo constitutivo do fenômeno ou problema, assim como os fatores que nele interferem. Para tanto, os dados qualitativos são uma base sólida de subsídio para essa empreitada.

Ante o exposto e reconhecendo as contribuições desenvolvidas, faz-se pertinente considerar, como destacam Sampaio *et al.* (2023), a importância de um olhar crítico acerca do uso da Análise de Conteúdo, de modo a qualificá-la no processo reflexivo das produções, contextualizando-a e transpondo a repetição do passo a passo do método, comumente identificado nas produções analisadas, como destacam os autores.

Em que pesem as discussões acerca das contribuições e limites do uso da Análise de Conteúdo, reconhece-se sua efetividade para produção de novos conhecimentos, pois insere-se na compreensão da realidade por meio de técnicas que exploram os meandros muitas vezes negligenciados ou até mesmo não percebidos pelo pesquisador em análises mais objetivas. Contudo, o uso desse método

nas pesquisas educacionais precisa articular-se como um caminho que se persegue, buscando construir outras possibilidades a serem seguidas por meio do rigor e do comprometimento científico, explicando-o e contextualizando-o com o meio em que se produzem as materialidades e não apenas utilizando-o como uma descrição necessária à justificação dos caminhos escolhidos.

Nesse sentido, Sampaio *et al.* (2022), ao avaliarem a qualidade da aplicação da Análise de Conteúdo em pesquisas desenvolvidas no Brasil, destacam a baixa qualidade geral na sua aplicação, indicando, contudo, existir um cuidado na apresentação das categorias e temas que balizam as análises, referenciando e baseando-se nas diferentes versões do manual de Bardin. Por conseguinte, nota-se, a partir das contribuições e limites evidenciados anteriormente, a necessidade de promover, qualificar e ampliar o uso da Análise de Conteúdo nas produções acadêmicas no contexto brasileiro, promovendo um aprofundamento teórico e prático de sua aplicabilidade e não apenas a reprodução discursiva do encaminhamento metodológico.

Reside, ante o exposto, o desafio de aproximar as contribuições teóricas da Análise de Conteúdo com a sua aplicabilidade no processo de investigação e, em especial, na análise e discussão dos dados produzidos, promovendo, com maior ressonância e rigorosidade, todas as etapas propostas por Bardin e não apenas descrevendo-as e sistematizando-as no corpo da produção realizada. Ao transpor a superficialidade da apresentação, e ao demonstrar sua presença nas etapas do processo analítico, potencializa-se o uso, creditando confiabilidade e reconhecimento nos resultados apresentados. Essa percepção se aproxima das contribuições de Seramim; Walter (2017), quando destacam a importância de não se desprezar as etapas da aplicação desse método e da necessidade da articulação com o contexto de análise, deixando claros os desdobramentos na apresentação das discussões dos dados, e não apenas sistematizando o processo.

A intersecção das etapas da aplicação do método com o processo descritivo, analítico e interpretativo dos dados atribui, à construção do conhecimento, maior confiabilidade e amadurecimento acadêmico do pesquisador, que consegue, de forma coerente, apresentar os caminhos percorridos e suas interlocuções com a realidade pesquisada, constituindo-se, assim, em uma alternativa para explorar os limites da aplicação da Análise de Conteúdo em subsídios e contribuições para compreensão do objeto de estudo.

Perseguir esses meandros é um compromisso do pesquisador que busca compreender e contribuir para apontar novos caminhos na produção do conhecimento. Reconhecemos que, entre desafios e possibilidades, os limites e horizontes da análise de conteúdo têm se apresentado estruturados, didáticos e metodologicamente rigorosos e pertinentes, além de apresentarem um potencial aplicável, já que se fundamentam em bases teóricas e epistemológicas que lhes conferem confiabilidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando o objetivo e o problema da pesquisa, descreve-se, neste artigo, de forma contextualizada, as compreensões sobre pesquisa qualitativa e análise de seus dados, assim como o método e a técnica de Análise de Conteúdo, refletindo sobre suas contribuições e limitações para as pesquisas educacionais.

No que se refere à pesquisa qualitativa, percebe-se, a partir de sua contextualização histórica, que ela deriva, em grande medida, dos esforços da antropologia em compreender como as sociedades se

organizam e como são estabelecidas as relações entre indivíduos. É evidente que os dados qualitativos são fontes de uma multiplicidade de elementos que permitem compreender os sentidos e significados presentes nas concepções e percepções dos sujeitos em relação ao tema, objeto ou problema de pesquisa.

Nota-se que tanto a abordagem qualitativa das pesquisas quanto a produção e análise de seus dados, bem como os instrumentos, métodos e técnicas empregados, representam um avanço nos caminhos investigativos no contexto educacional. Isso ocorre porque essas abordagens transpõem as práticas experimentais e a objetividade, abrindo caminho para perspectivas que acolham diferentes formas de contemplar e estabelecer relações com as questões sociais que, de fato, têm influência na forma como os sujeitos identificam ou se portam diante do fenômeno em estudo.

Analisando o método de Análise de Conteúdo a partir de Bardin (2016), observou-se a existência de interlocução entre as três etapas desse procedimento. Diante da amplitude do processo organizacional, sistemático e metodológico dessa técnica, pretendeu-se dar destaque às fases da Análise de Conteúdo. Destaca-se que a pré-análise, além da interação com o *corpus* identificado, contribui para a composição da materialidade de forma comprometida com a etapa seguinte, que consiste na exploração do material. É nessa segunda etapa que emergem as categorias a serem analisadas na etapa final, referenciada como interpretação dos dados. As fases constitutivas da Análise de Conteúdo são determinantes e complexas e requerem a correta execução e exploração do material, potencializando o processo analítico e a construção do conhecimento.

Na apresentação das seis técnicas de Análise de Conteúdo, observam-se diferentes possibilidades de analisar dados qualitativos. Destaca-se e reconhece-se, a partir das características e delineamentos apresentados por Bardin (2016), que a análise categorial é a técnica que mais se aproxima do contexto das pesquisas educacionais. Com a análise das diferentes técnicas, nota-se a pertinência necessária em delinear a pesquisa, articulando as escolhas metodológicas ao objeto, tema, problema ou fenômeno de estudo, bem como ao objetivo estabelecido e ao referencial teórico utilizado.

Pode-se destacar que, ao observar as relações na construção metodológica e o emprego rigoroso das fases da Análise de Conteúdo, as contribuições dessa técnica analítica se espraiam. Isso ocorre, principalmente, pelo fato de favorecer a revisão, a reconstrução, a ampliação e a sistematização de dados que partem das vivências dos sujeitos, dos sentidos e dos significados atribuídos. Esses dados só podem ser compreendidos analisando-se detalhadamente as diferentes manifestações e expressões dos sujeitos em relação ao objeto de estudo, contextualizando-as com o espaço e o tempo em que se inserem.

A análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, oferece várias contribuições importantes para a pesquisa qualitativa em educação, incluindo uma análise sistemática e rigorosa dos dados, uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados, uma abordagem flexível e adaptável à possibilidade de identificação de lacunas na literatura e a triangulação dos dados.

No entanto, a abordagem pautada na Análise de Conteúdo apresenta limitações para a pesquisa qualitativa em educação. Dentre elas, pode-se incluir o risco de reducionismo, a subjetividade na construção das categorias, a dificuldade em lidar com dados não-textuais e as limitações na generalização dos resultados. É importante que o pesquisador esteja ciente dessas limitações ao utilizar a análise de conteúdo em suas pesquisas, de modo a não tornar sua pesquisa desqualificada.

Observou-se, nesse exercício analítico, que o método pautado na Análise de Conteúdo é uma forma de tratamento de dados qualitativos que tem conquistado espaço nos últimos anos dentro da área das pesquisas em educação, contribuindo para produção do conhecimento por meio de técnicas

congruentes, rigorosas e sistematizadas que permitem produzir inferências sobre os dados analisados em um movimento que considera o processo antes dos resultados, o que lhe garante confiabilidade, credibilidade e consistência metodológica, teórica e epistemológica.

Ressalta-se que o movimento interpretativo e discursivo das contribuições e limitações da Análise de Conteúdo apresenta-se fecundo diante do espraio de sua utilização e da rigorosidade científica necessária para qualificar a produção do conhecimento, o que requer um embasamento teórico e o constante revisitar e problematizar a sua utilização. Nesse sentido, infere-se, a partir das reflexões em tela, que o uso da Análise de Conteúdo deve compor as produções acadêmicas de forma contextualizada, integrativa e explicativa durante as diferentes etapas de sua construção e não apenas como uma descrição detalhada e sistematização de seu método. Assim, acredita-se que o enfrentamento aos limites observados poderá ser transformado em contribuições, pois, como percebido, alguns dos limites se impõem pela própria dificuldade do pesquisador em percorrer os meandros e dominar a sua aplicação.

É, portanto, necessário que estudos futuros contemplem, também, discussões acerca de como a Análise de Conteúdo é apresentada, incorporada e contextualizada nas produções, buscando compreender as implicações e dificuldades encontradas pelos pesquisadores e como essas influenciam nas discussões dos dados produzidos a ponto de se caracterizarem como limitações em seu uso. Almeja-se, dessa forma, contribuir para que novas pesquisas acolham a possibilidade de estabelecer nexos, aproximações de forma crítico-reflexiva durante todo o percurso analítico e de produção de dados, contribuindo, assim, para a eficácia, a confiabilidade e a construção dos resultados de forma significativa e para a compreensão do objeto de estudo na perspectiva das pesquisas qualitativas, cuja relevância está em descobrir sentidos e significados em torno da realidade estudada.

Por fim, como não se tem a pretensão de esgotar o debate acerca desse tema, considera-se que as contribuições teóricas e reflexivas apresentadas funcionem como aberturas epistemológicas e metodológicas que contribuam para que os pesquisadores possam se debruçar sobre a Análise de Conteúdo para explorar os dados das pesquisas. Além disso, sinaliza-se a importância da realização de novas pesquisas e qualificações detalhadas e contextualizadas das diferentes técnicas que fazem parte do método de Análise de Conteúdo e de suas contribuições para o contexto educacional e o desenvolvimento dos processos de pesquisa e de fazer ciência.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 51-64, 2001. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0100-15742001000200003&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15742001000200003&lng=es&nrm=iso) Acesso em: 14/05/2023.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação. *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCar, v. 1, n. 1, p. 119-131, set. 2007. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6/6> Acesso em: 14/05/2023.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013. Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-70432013000200009&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-70432013000200009&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 14/05/2023.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; GATTI, Bernardete Angelina. *Métodos Qualitativos de Pesquisa em Educação no Brasil: origens e evolução*. 2008. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/modulo-vii-pesquisaqualitativa-parte-ii/file>. Acesso em: 15/05/2023.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, Heloísa Fernanda Francisco; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CAMARGO, Carolina Ortiz de. Análise de conteúdo: pressupostos teóricos. *Revista Prisma*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 48-62, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/42> Acesso em: 16/05/2023.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Knopp. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

CAMPOS, Claudinei. José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev Bras Enferm*, Brasília (DF), n. 57, p. 611-614, set/out, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbjs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 16/05/2023.

CARLOMAGNO, Márcio Carlomagno; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar categorias e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, v. 7, n. 1, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1.45771>.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Ampl: Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10000>. Acesso: 29/05/2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Liber Livro, 2008.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GATTI, Bernardete Angelina. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de pesquisa*, n. 113, p. 65-81, julho/2001. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/600/616> Acesso em: 24/05/2023.

GATTI, Bernardete Angelina; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 29-38. 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Anderson Tiago. Peixoto. Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Análise de Conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. *Administração: ensino e pesquisa*. Rio de Janeiro. v. 17, n. 2, p. 275 – 300, mai./jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.13058/raep.2016.v17n2.323>

LEITE, Rosana Franzen. A perspectiva da análise de conteúdo na pesquisa qualitativa: algumas considerações. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo, v.5, n.9, p. 539-551, 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/129> Acesso em: 26/05/2023.

LIMA, Paulo Gomes. Pesquisa qualitativa: bases históricas e epistemológicas. *Ensaio Pedagógico*. Sorocaba, v. 2, n. 1, p. 5-17, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/58> Acesso em: 16/01/2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa Qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014.

OLIVEIRA, Eliana de; ENS, Romilda Teodora; ANDRADE, Daniela B. V. Freire.; MUSSIS, Carlo Ralph de. Análise de conteúdo e pesquisa na área da Educação. *Revista Diálogo Educacional*, v. 4, n. 9, p. 1-17, mai./ago. 2003. DOI: <https://doi.org/10.7213/rde.v4i9.6479>

PALÚ, Janete; PETRY, Oto João. Análise de conteúdo como contribuição metodológica para a pesquisa no campo da política e gestão da educação. *Revista Imagens da Educação*. v. 12, n.3, p. 146-171, jul./set. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/57552> Acesso em: 18/05/2023.

PAIVA, Adriana Borges de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; HIILESHEIM, Mara Cristina Piolla. Análise de conteúdo: uma técnica de pesquisa qualitativa. *Revista Prisma*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 16-33, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/40> Acesso em: 25/05/2023.

PALMEIRA, Lana Lisiêr de Lima; CORDEIRO, Carla Priscila; PRADO, Edna Cristina do. A análise de conteúdo e sua importância como instrumento de interpretação de dados qualitativos nas pesquisas educacionais. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 14-31, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/17159> Acesso em: 26/05/2023.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. *Rev. Sociol. Polit.* v. 26, p. 31-47, jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-987318266602>

SAMPAIO, Rafael Cardoso; SANCHEZ, Cristiane Sinimbu; MARIOTO, Djiovani Jonas França; ARAUJO, Beatrice Cristina dos Santos; HERÉDIA, Larissa Helena Olivares; PAZ, Felipe Schwarzer; TIGRINHO, Camila Schiavon; SOUZA, Josiane Ribeiro de. Muita Bardin, pouca qualidade: uma avaliação sobre as análises de conteúdo qualitativas no Brasil. *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo (SP), v. 10, n. 25, p. 464-494, set./dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.25.547>

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes; CODATO, Adriano; MARIOTO, Djiovanni Jonas França; BITTENCOURT, Maiane; NICHOLS, Bruno; SANCHEZ Cristiane Sinimbu. Mapeamento e reflexões sobre o uso da análise de conteúdo na SciELO – Brasil (2002-2019). *New Trends in Qualitative Research*. v. 15. p.1-15, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36367/ntqr.15.2022.e747>

SERAMIM, Ronaldo Jose; WALTER, Silvana Anita. O que Bardin diz que os autores não mostram: estudo das produções científicas brasileiras do período de 1997 a 2015. *Administração: Ensino e Pesquisa*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 241-269, mai./ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.13058/raep.2017.v18n2.478>

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica* v.17. n. 1. p. 1 -14, 2015. Disponível em: <http://www.fei.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/2113-7552-1-PB.pdf> Acesso em: 26/05/2023.

SILVA, Bruna Alves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; BRITTO, Ana Paula Gonçalves. Análise de Conteúdo: uma perspectiva metodológica qualitativa no âmbito da pesquisa em Educação. *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.44, p.52-66. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2353/1448> Acesso em: 05/15/2023.

SOUSA, José Raul; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo*. São Paulo: Atlas, 1987.

VAN ZANTEN, Agnês. Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 01, p. 25-45, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10098> Acesso em: 04/05/2023.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da educação do Brasil. *Educar em Revista*. Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47454> Acesso em: 04/05/2023.

## **CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS**

Autor 1 – idealização do estudo, escrita, análise dos dados, revisão e edição do manuscrito

Autor 2 – idealização e orientação do estudo, escrita e revisão do manuscrito

## **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.